

O DISCURSO E A GRAMÁTICA

Sandra THOMPSON (Universidade da Califórnia, Santa Bárbara)

Entrevistada por Rosália DUTRA (Universidade Federal de Minas Gerais)

ABSTRACT: Sandra Thompson is at present chair of the Department of Linguistics at the University of California at Santa Barbara (UCSB). Her current work focuses on Discourse, more specifically on the relationship between Discourse and Grammar. She was one of the first students to graduate in Linguistics at the Ohio State University, where she studied with William Wang, who first introduced her to Chinese, and also with Chuck Fillmore, Leonard Newark, Ilze Lehiste and David Stampe. She later moved to the University of California at Los Angeles (UCLA), where in the seventies, in collaboration with Talmy Givón, Bob Kirsner and Joan Bybee, she worked on problems related to semantics and pragmatics. It is Paul Hopper, however, who, according to her, has had the strongest influence on her thinking -- it was he who showed her that "grammatical problems can actually have a discourse solution." This interview, which took place in 1986, is a general overview of the relationships between questions of grammar and questions of discourse.

1- Atualmente há muitas pessoas trabalhando naquilo que se convencionou chamar os aspectos pragmáticos de uma língua. Uns estão mais voltados para textos, outros para questões interacionais resultantes de análises de conversação e, eventualmente, a expressão 'Análise do Discurso' acaba sendo usada para descrever todos esses vários enfoques. A minha pergunta é a seguinte: como é que o seu trabalho atual, aquilo que você chama o Discurso e a Gramática difere desses outros tipos de análises do discurso?

Há muita gente trabalhando já há algum tempo em pragmática. E esse é um campo forte tanto aqui nos EUA como no exterior. O

Journal of Pragmatics é uma publicação importante e em crescimento e muito trabalho interessante tem sido e está sendo feito nessa área. Acontece que há várias pessoas aqui que, embora se digam interessadas em pragmática, estão trabalhando unicamente ao nível da sentença isolada. Inventam sentenças e discutem essas sentenças à luz dos atos de fala, discutem seu significado e os contextos em que podem ser usadas. Eu acho esse enfoque um tanto limitado, porque não se observa o contexto real, de fato, desses dados linguísticos. Os contextos são imaginados, embora forneçam material interessante para a formulação de hipóteses, hipóteses essas que podem ser verificadas, eventualmente, tomando por base os fatos da língua como ela realmente se apresenta. Mas esse não é um enfoque empiricista.

Vejo também um outro conjunto de grupos de pessoas trabalhando naquilo que se pode chamar Análise do Discurso. Há várias maneiras diferentes de se trabalhar na análise do discurso: pode-se analisar o discurso de diversas línguas, porque se está interessado na estrutura geral desse discurso, pode-se analisar a estrutura das narrativas, ou das conversações. E todos esses trabalhos podem ser referidos como trabalhos na área de Análise do Discurso. A Análise Conversacional, por exemplo, é um tipo de análise do discurso. Mas o interesse primeiro de todos esses enfoques é o de determinar a estrutura desses discursos. E isso é bom e muito interessante e podemos aprender muito com esses pesquisadores. Mas o meu interesse como lingüista me leva sempre de volta à gramática, às estruturas sistemáticas daquilo que viemos chamando Gramática. Nossas idéias/noções a respeito do que vem a ser esta Gramática serão necessariamente reformuladas ao examinarmos a gramática de uma língua à luz do discurso.

Eu tiro muito de todos esses tipos de análises do discurso, incluindo a análise de textos, mas esses trabalhos não estão voltados para problemas gramaticais como a questão do aspecto e tempo verbais, marcação de casos, de nomes definidos e indefinidos etc...

Então, como lingüista, estou sempre tentando relacionar esses enfoques, exclusivamente voltados para o discurso, à estrutura dos processos gramaticais que existem numa língua.

2- Você está dizendo, então, que ao se estudar uma língua em suas manifestações de uso real, diário, através do cotidiano dos falantes dessa língua - seja em discurso oral ou escrito, ao se estudar a relação entre o Discurso e a Gramática, estamos ao mesmo tempo reexaminando profundamente a natureza dessas noções gramaticais. Estamos de certa forma tentando reformular o que é subordinação, aspecto verbal etc?

Exatamente. É sobre isso que tenho sido forçada a pensar, conscientemente, através da minha interação com Emanuel Schegloff que me influenciou tremendamente nessa direção, como você bem sabe. Manny vive me perguntando "O que é a Gramática? Por que é que você acha que sabe o que é Gramática?" Acho que isso é exatamente o que está acontecendo. Foi o artigo de Hopper que me mostrou que é preciso sim redefinir, é preciso examinar essas categorias gramaticais todas outra vez e tentar entendê-las em termos de suas funções no discurso. Isso nos fornece uma maneira totalmente nova de encarar a Gramática, desprende-nos dessa tradição altamente estruturalista e nos leva a pensar na Gramática mais em termos de sua emergência (emergence).

3- Qual é para você a relação existente entre a Escola de Praga e o funcionalismo hoje praticado nos EUA?

Esta é uma pergunta interessante porque a influência da Escola de Praga tem sido muito forte, embora indireta. Muitos dos primeiros pesquisadores em lingüística funcional, aqui nos EUA, liam e citavam habitualmente os Neo-praguianos - prefiro chamá-los neo-praguianos, o grupo encabeçado por Firbas e Danes e os que reviveram as idéias de Mathesius nos anos sessenta. E muitos de nós

tomamos essa pesquisa como ponto de partida. Lembro-me de que, no princípio dos anos setenta, eu estava dando um curso aqui na UCLA em que tínhamos de examinar outras teorias gramaticais além da transformacional. E resolvi então estudar a sentença do ponto de vista funcional. Passamos uma boa parte do semestre revendo esta literatura. Mas logo ficou claro que era preciso ir além do que eles tinham feito, isto é, ir além da tentativa de isolar a diferença entre tema e rema, que fica muito perto do que chamamos aqui dado e novo. Tem havido muita discussão, especialmente por parte de Ellen Prince e Wallace Chafe, sobre a melhor maneira de definir esses termos e acompanhar as implicações dessas definições. O trabalho dos neo-praguianos serviu como um 'input' muito útil no desenvolvimento do que hoje chamamos information flow.

4- Dada toda a pesquisa que tem sido feita ultimamente nessa área do discurso, quais são, na sua opinião, os problemas ou questões mais imediatas, ou seja, as que precisam ser investigadas no momento?

Acho que há basicamente duas direções: uma é a necessidade de se prestar mais atenção à conversação. Precisamos tentar nos desprender desse background estruturalista, dessa nossa tendência em acreditar na existência de um grande sistema, porque, quando olhamos a maneira como aquilo que acreditamos ser a Gramática opera na realidade, na conversação de todo dia, deparamos com uma noção muito diferente do que vem a ser esta Gramática. Precisamos prestar muito mais atenção à entonação e à prosódia e formular uma maneira de entender as relações entre gramática, entonação e as restrições conversacionais. Porque a conversação, me parece, é o uso mais básico a que a linguagem é posta. Se gramáticas e regularidades gramaticais se desenvolvem, se as línguas fazem uso morfológico do nominativo ou acusativo, é porque a necessidade para tais regularidades surge originariamente num processo de comunicação que forçosamente envolve a conversação. Acho que estamos ainda

muito longe de uma compreensão desses fatores.

5- Isso me lembra duas perguntas. A primeira tem a ver com a comunicação não-verbal, gestos, por exemplo. Qual é para você a importância dos gestos nesse estudo e onde é que eles se encaixariam? A outra pergunta está relacionada com a diferença entre língua oral e língua escrita: você acredita que as diferenças entre a fala e a escrita podem vir a ser muito maiores do que se suspeitava inicialmente?

Acho que não é uma boa idéia tentar separar muito rigidamente a comunicação lingüística de outros meios de comunicação. Mas qualquer pesquisa requer uma certa delimitação do campo de estudo. Meu próprio trabalho atualmente não me fornece meios de incorporar tudo o que eu gostaria de poder incorporar nas áreas ligadas ao contato visual, gestos e expressão facial. Muito trabalho fascinante está sendo feito nesta área e todo esse trabalho é relevante. Tão relevante que às vezes me sinto angustiada tal é a necessidade de incorporar estes estudos à minha pesquisa. Trabalhos como o de Charles Goodwin, por exemplo, mostra-nos que não podemos continuar utilizando unicamente gravadores. É bem provável que não seremos capazes de chegar a um conhecimento do que vem a ser essa Gramática enquanto não começarmos a trabalhar com videocassetes. Portanto eu acho todo o trabalho nessa área extremamente interessante. Elinor Ochs, por exemplo, está interessada atualmente no uso da linguagem afetiva. Judy Reilly tem feito muita pesquisa sobre as diferenças entre as expressões faciais na linguagem dos surdos-mudos (American Sign Language) e no inglês falado. Tudo isso é muito importante em termos de comunicação e há muito campo para se desenvolver vários tipos de pesquisa que irão eventualmente, a meu ver, se complementar. Mas uma coisa de cada vez.

Uma pesquisa que examine as diferenças entre a língua oral e a

língua escrita é também muito importante; estudos sobre a diferença entre a tradição oral e a tradição escrita e a maneira como uma afeta a outra são de extrema importância. Há muito trabalho sendo feito atualmente sobre a estrutura e as propriedades da língua escrita, por exemplo. Tudo isso é necessário e importante. Acontece que no momento eu particularmente estou mais interessada numa pesquisa que tenha por objetivo investigar o surgimento da gramática como o resultado da necessidade de se comunicar. Por isso hoje estou me concentrando mais na língua oral, mas continua a me fascinar o trabalho que está sendo feito sobre as propriedades da língua escrita, propriedades essas que surgiram, por sua vez, como resultado da maneira distinta com que nos comunicamos quando usamos a escrita.

6- Fale um pouco sobre o seu trabalho com Bill Mann no Information Sciences Institute (ISI). Você acha que será possível formalizar as descobertas feitas pela gramática funcional de modo que elas possam ser incorporadas à programação de computadores?

Esse é um dos aspectos mais fascinantes da lingüística funcional no momento. Isto é, o fato de que as descobertas da lingüística funcional estão se tornando úteis na área de inteligência artificial. Não só fatos ligados à conversação, como também à língua escrita estão se tornando extremamente importantes para esta pesquisa e tem havido muita interação entre os que trabalham com sintaxe funcional e os que trabalham com inteligência artificial.

Há basicamente duas direções importantes que esta pesquisa pode tomar. Uma é a interação entre o homem e o computador. Há muitos trabalhos sendo feitos sobre a natureza do diálogo, para que se torne possível, por exemplo, programar o computador para conversar com uma pessoa, colher dados médicos ou fazer uma consulta legal. Esta pesquisa visa desenvolver uma maneira que possibilite o homem e o computador se comunicarem um com o outro. E obviamente para tal é necessário o tipo de informação

lingüística e pragmática que estamos coletando com o nosso estudo sobre a conversação. Outro tipo de pesquisa está relacionada à geração e compreensão de textos e é aí que entra o meu trabalho com Bill Mann e outros no ISI. Estamos trabalhando numa pesquisa que tem por objetivo combinar tudo o que se tem descoberto sobre a estrutura dos textos para desenvolver uma teoria sobre a organização de textos expositivos que possa ser usada como 'input' para um sistema de geração de textos através do uso do computador. Chamamos essa teoria Teoria das Estruturas Retóricas (Rhetorical Structure Theory). Para isso, portanto, precisamos de lingüistas que já tenham trabalhado com a estrutura do discurso para que, por exemplo, dada uma série de números e o significado desses números, possamos programar o computador para gerar um determinado texto. Afinal, o que um computador precisa saber sobre a estrutura do discurso?

Então eu vejo estas duas direções - uma ligada à conversação, à natureza do diálogo, a outra ligada à língua escrita - como duas fortes correntes no campo da inteligência artificial no momento. É muito interessante que exista esse potencial enorme para uma interação entre a inteligência artificial e a lingüística funcional, entre pessoas que estão interessadas em inferência, na estrutura retórica de textos, nos aspectos pragmáticos envolvidos em perguntas e respostas, etc... São essas as descobertas que estão sendo utilizadas no campo da inteligência artificial.

7- E o que é que a pesquisa em inteligência artificial tem para oferecer aos lingüistas?

As descobertas no campo da inteligência artificial são interessantes para os lingüistas desde que estas nos revelem certos aspectos gramaticais, certos fenômenos lingüísticos sobre os quais ainda não tínhamos pensado. Por exemplo, muita gente em inteligência artificial está fazendo pesquisa sobre o diálogo resultante

da interação entre duas pessoas envolvidas com um conjunto de instruções para desempenhar uma determinada tarefa. O objetivo dessa pesquisa é descobrir se há alguma diferença entre esse tipo de linguagem e o de uma conversação comum. Mas a maneira de se chegar a qualquer generalização nesse campo é fazendo a análise lingüística desses tipos de discursos. Por isso é que atualmente se está prestando bastante atenção aos usos específicos da linguagem, e isso é pesquisa muito interessante.

8- Você diria então que basicamente não há nenhuma diferença entre seu trabalho no ISI e seu trabalho em Discurso e Gramática?

Tem havido algumas diferenças, mas devidas ao fato de eu ainda não ter trabalhado com a estrutura de textos expositivos. E isso veio a ser muito diferente do que eu vinha fazendo até então. Como eu disse, um dos meus interesses constantes tem sido tentar relacionar essas descobertas às questões gramaticais que venho estudando, por exemplo, à questão da ordenação de orações num texto.

É também interessante pensar na parte gramatical do mecanismo responsável pela geração de um texto. Lembre-se de que não estamos lidando só com a estrutura, mas também com a parte gramatical do texto. Esse projeto de pesquisa no ISI começou então a procurar um modelo lingüístico viável que pudesse ser usado na parte gramatical do programa responsável pela geração de textos. Considerando-se que esse programa possui pelo menos dois componentes independentes : um responsável pelo planejamento do texto e outro responsável pela gramática desse planejamento, e um complementando o outro, a gramática que veio a ser a mais viável para tal projeto foi a baseada num modelo funcional sistêmico. Ou seja, uma gramática que enfatiza particularmente questões semânticas e pragmáticas, como também as interações entre o discurso e essa gramática. Não é à toa que foi exatamente esse o modelo escolhido e

eu acho que essa é a mais extensiva e mais bem sucedida gramática gerativa do inglês existente no momento. De todos os modelos gramaticais e sintáticos existentes hoje, e que já foram propostos, esse é o modelo que abarca os tipos de princípios funcionais que achamos importantes, que pelo menos os pesquisadores em inteligência artificial estão achando útil. E essa utilidade tem a ver com o fato desse ser o modelo funcional mais formal a nossa disposição e que se encaixa num modelo teórico maior. Modelo esse que leva em consideração o discurso, o registro e alguns dos fatores interpessoais que hoje sabemos afetar uma gramática. Formalmente todos esses aspectos ainda não foram inteiramente explicitados, mas a parte relacionada à semântica e à sintaxe da gramática sistêmica, essa sim, já foi explicitada detalhadamente.

O interessante é que embora o pessoal do ISI estivesse procurando um modelo capaz de gerar sentenças, eles estavam procurando um modelo que gerasse sentenças dentro de um determinado contexto, e não isoladamente. Dessa forma a gramática sistêmica além de encaixar nesse modelo teórico maior em que considerações estilísticas e os vários usos e funções da linguagem são preocupações constantes, ela é na verdade um modelo gramatical cuja semântica implica uma série de escolhas. Então, a cada passo do processo de geração de uma sentença é preciso decidir, por exemplo, se a sentença em questão está fazendo uma afirmação ou formulando uma pergunta. Em seguida, é preciso estabelecer se o tempo verbal é presente ou passado. Se for passado uma série de outras perguntas vêm à tona, envolvendo outras escolhas, e assim por diante. Portanto estamos lidando com uma série de escolhas que são inteiramente de natureza semântica e funcional. E você tem de levar em consideração se o falante acha que o ouvinte está de posse ou não da informação em questão. Se ele está, então usa-se um artigo definido, por exemplo, e assim por diante. E a maneira de implementar esse conhecimento dentro de um programa responsável pela geração de textos é partindo do princípio de que há um componente gramatical

capaz de fornecer essas respostas. E aí, dependendo da resposta, você obtém uma determinada sentença. Então, essa é uma maneira muito útil de se explorar a construção de sentenças do ponto de vista de suas funções e significados.

9- Como você vê a relação entre a lingüística teórica e a lingüística aplicada? Você acha que as descobertas feitas no campo do Discurso e Gramática são importantes para os que estão trabalhando em áreas menos teóricas, como no ensino de línguas estrangeiras, por exemplo?

Vejo o trabalho que eu e muitos outros estamos fazendo na área do discurso como parte da lingüística teórica, mas não me surpreende o fato das descobertas feitas nessa área estarem se tornando extremamente importantes para os que estão fazendo pesquisa em áreas mais ligadas à aplicação do estudo de línguas.

Tem muita gente interessada em estudar a estrutura da língua escrita, especialmente do inglês escrito, porque o inglês é uma língua bastante internacional. Há interesse em se desenvolver material de ensino nessa área, ou trabalhar com estudantes estrangeiros nos EUA, ajudando-os a chegar a uma melhor compreensão da língua escrita, para que eles possam cumprir suas tarefas escolares mais eficientemente. Me parece que aí a pesquisa sobre a língua escrita, feita pelos que estão trabalhando na área do Discurso e Gramática, é de grande relevância para o ensino de línguas em geral, para a preparação de material de ensino, a preparação de currículos etc... Há muita interação possível nesse campo, não só com o pessoal de Discurso e Gramática, mas também com os que estão voltados para o estudo do discurso e de questões pragmáticas em geral. Ontem mesmo eu estava conversando sobre isso com uma pessoa em lingüística aplicada e ela me disse que o que ela estava aprendendo na área de Discurso e Gramática sugeria a necessidade de reexaminar as idéias existentes sobre o conteúdo dos livros elementares de ensino

de línguas. Entre outras limitações, esse material didático tem sido extremamente voltado para o estudo da sentença isolada, com uma enorme quantidade de diálogos artificiais, de estruturas frasais artificiais e coisas desse tipo. Muitos professores, hoje, em níveis mais avançados, estão dando ênfase aos aspectos mais interacionais, pragmáticos e culturais do ensino de línguas: como conversar pelo telefone, como se dirigir à balconista numa loja, fatos que interessam aos que estão trabalhando na área do Discurso e Gramática. Na verdade acho que toda a lingüística aplicada está começando a se voltar para essa direção.

10- De uma maneira geral, subjetividade e pesquisa séria são tidas como incompatíveis. A subjetividade é geralmente associada à "confusão", "falta de precisão ou rigor científico". O seu trabalho, e o de outros nessa área, tem sido muito importante no sentido de mostrar que não há lugar para esse tipo de "subjetividade" no trabalho que desenvolve.

Esse é um esclarecimento bastante apropriado, porque nosso enfoque, por exemplo, é extremamente rigoroso, medido por testes estatísticos e preocupado com uma contagem rigorosa, necessária para a formulação e validação de hipóteses. Na verdade, qualquer estudo empírico de uma língua está muito mais voltado para questões de rigor ou precisão metodológica do que um estudo não-empírico. O enfoque funcionalista é basicamente empírico e nesse sentido muito mais rigoroso do que um enfoque baseado exclusivamente em intuições. No entanto, há uma aura de objetividade envolvendo esses modelos formais atuais, a impressão de que se está sendo objetivo ao estudar um sistema como tal. E isso, eu acho, não tem nada a ver com precisão ou rigor metodológico.

11- O que seria uma universidade ideal, com um currículo ideal em lingüística? Você vê a lingüística mais dentro das Ciências Humanas?

A Lingüística tem ocupado sempre uma posição fronteira entre as Ciências Sociais e as Ciências Humanas. Aliás, essas divisões tradicionais têm sido problemáticas em muitas outras áreas de pesquisa e, na verdade, acho que decisões desse tipo são geralmente feitas sem levar muito em consideração o conteúdo dessas áreas.

Há muito de ciência social no que fazemos, especialmente dada a crescente necessidade de se usar estatística, de se entender o comportamento de um número imenso de ocorrências (tokens) em determinados contextos -o que leva necessariamente à formulação de perguntas de natureza social. Por outro lado, há muito de ciências humanas no que fazemos também. Considere a possibilidade de virmos a entender melhor a língua escrita se soubéssemos um pouco mais de literatura, a possibilidade de entender melhor a conversação se soubéssemos um pouco mais de coreografia etc...

Outros vêem a lingüística como uma matéria basicamente cognitiva. E as ciências cognitivas não se encaixam nem dentro das ciências sociais nem dentro das ciências humanas. Acho que precisamos de uma classificação só para a lingüística.

Com relação ao currículo ideal numa universidade ideal, me encontro no momento na posição invejável de estar tentando formular exatamente tal currículo para o nosso programa de lingüística na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. Essa é uma tarefa tremendamente excitante e desafiadora para mim. Achamos que, antes de mais nada, o programa precisa oferecer treinamento constante em línguas estrangeiras. Lingüistas precisam trabalhar com outras línguas além de suas respectivas línguas maternas. Por isso, em Santa Bárbara vamos criar uma cadeira chamada a língua do ano. Isto é, cada ano vamos ter um falante nativo de uma língua diferente aqui conosco, e durante um ano inteiro essa vai ser a língua adotada nos cursos de pesquisa de campo para nossos alunos da graduação e pós-graduação. Estamos pensando em línguas que ainda não foram muito bem estudadas, porque todo

lingüista precisa passar por essa experiência de tentar entender, começando do nada, uma língua completamente estranha pra ele. O fato dessa língua não estar relacionada à língua falada pelo lingüista constitui um treinamento excelente para a mente desse lingüista. A pesquisa de campo é importantíssima num programa dessa natureza, especialmente a nível de pós-graduação. A meu ver, todo estudante de pós-graduação precisa ter trabalhado com uma língua estrangeira, de preferência uma língua que ainda não possua escrita. Esse é um pré-requisito indispensável, mesmo que o aluno não vá escrever sua tese de doutorado nessa área.

Esse programa precisa também oferecer uma perspectiva histórica da disciplina: como a lingüística tem sido estudada através dos anos até a presente data. É muito importante e essencial colocar a nossa própria pesquisa dentro de uma evolução ou tradição histórica. Gostaríamos também de enfatizar uma certa metodologia necessária para o desenvolvimento de qualquer pesquisa: treinar os alunos para fazer transcrição de fitas, trabalhar com estatística e tomar certas decisões com relação à codificação do material coletado. Por exemplo, suponhamos que você tenha decidido fazer uma contagem de todas as orações intransitivas num texto e de repente você se depara com uma oração que não é nem completamente intransitiva nem transitiva. O que fazer? Tal decisão requer uma certa prática nessa área. Portanto eu gostaria de ver um currículo em lingüística mais voltado para uma espécie de workshop, com seminários em vez de aulas expositivas, embora aulas expositivas e leituras de livros e artigos sejam também de muita importância. Gostaríamos ainda de treinar nossos alunos no que diz respeito a uma atitude profissional. Isto é, como se tornar um profissional nessa área, como preparar uma palestra ou conferência, como se portar numa entrevista, coisas desse gênero.

12- Como é que o estudo de questões ligadas ao Discurso e gramática se encaixam dentro de uma teoria lingüística maior?

Pergunto isso porque há muita divergência sobre o quê constitui, de fato, dados lingüísticos (linguistic data). Por que, por exemplo, trabalhar com textos corridos ou conversações?

Essa é uma boa pergunta. A teoria a que estou me referindo é altamente influenciada especialmente pelo trabalho de Jack DuBois e Paul Hopper. Concordo plenamente com esses pesquisadores quando afirmam que uma teoria gramatical deve partir da pressuposição de que a gramática é um fenômeno emergente, surgido da necessidade de se comunicar. Hopper fala do estudo de uma Gramática Emergente e DuBois de uma Ecologia da Gramática. Gosto dos dois rótulos e acho que eles estão tratando de coisas bem semelhantes. Ou seja, propriedades gramaticais podem ser explicadas através da necessidade de manutenção de tópicos no discurso, do correr ou fluir da informação (information flow) e de atividades comunicacionais interpessoais. O que queremos dizer com a expressão teoria gramatical não tem nada a ver com a construção de modelos gramaticais que tomam como dados lingüísticos o estudo de sentenças isoladas. Dessa forma, aquilo que consideramos um dado lingüístico por excelência está diretamente ligado à maneira como percebemos a gramática teoricamente. E essa é uma teoria que propõe explicações em termos dos princípios comunicacionais dos fatos gramaticais. Se uma determinada língua como o inglês, por exemplo, tem a noção de sujeito muito bem definida gramaticalmente, então faz muito sentido desenvolver um tipo de pesquisa como a que foi feita por Russ Tomlin em que ele conclui que a noção de sujeito nada mais é do que a gramaticalização da necessidade de se identificar o tópico ou tema no discurso em questão. Mesmo em outras línguas, como por exemplo nas línguas dos aborígenes da Austrália em que os pronomes ocorrem no nominativo ou acusativo e os substantivos no ergativo ou absolutivo, a gente reconhece o mesmo princípio em ação, ou seja, os pronomes com sua tendência em codificar informação tópica ou dada aparecem marcados pelo

caso nominativo/acusativo, enquanto os substantivos, por codificarem informação nova, aparecem marcados pelo sistema responsável pela marcação de informação dessa natureza, o ergativo/absolutivo. Assim, muitos tipos de regularidades universais podem ser explicadas dentro dessa teoria.

13- E a lingüística histórica? Qual é o papel da lingüística histórica numa gramática baseada nas necessidades comunicacionais?

Acho que a lingüística histórica é de importância crucial para o nosso entendimento do que vem a ser o processo de gramaticalização (grammaticization) e conseqüentemente para o que vem a ser uma Gramática. A lingüística histórica não está diretamente ligada a uma lingüística do discurso, exceto pelo fato de tanto uma quanto outra estarem interessadas na língua como ela é usada na realidade. No entanto, não é possível separar generalizações históricas de generalizações baseadas em dados do discurso, se almejamos compreender certos tipos de gramaticalização. Esse é, a propósito, o tipo de trabalho que vem sendo feito por Joan Bybee e atualmente por alguns lingüistas em Cologne, na Alemanha. Acho que esse trabalho está mais intimamente relacionado com as dimensões cognitivas da linguagem.

14- Você não acha que o processo de gramaticalização é o resultado daquilo que DuBois descreve como "grammars doing best what speakers do most" (gramáticas codificam melhor aquilo que os falantes usam mais)?

Certamente. Nem tudo que acontece lingüisticamente num determinado período se torna parte da gramática do futuro, só alguns aspectos dessa linguagem são institucionalizados e estes são exatamente os aspectos mais "vivos", mais em uso pelos falantes de uma língua.

15- De uma maneira geral as mudanças lingüísticas são vistas como um processo sobre o qual o falante tem muito pouco controle, estando simplesmente à mercê do sistema lingüístico responsável por essas mudanças. Mas as interrelações entre discurso, i.e. entre a língua em uso, e o processo de gramaticalização de um determinado fenômeno sugerem basicamente o contrário, não?

Obviamente os falantes não estão conscientes do fato de que estão selecionando de certa forma a gramática de amanhã. Talmy Givón foi na verdade um dos primeiros a estudar essa questão da interrelação entre gramaticalização e mudança histórica. Ainda nos anos setenta ele levantou a questão da concordância ser geralmente decorrente de pronominalização e o seu livro *On Understanding Grammar* enfatiza bastante essas questões.

16- Fale um pouco sobre a importância e necessidade de se desenvolver uma metodologia para fazer pesquisa na área do Discurso e Gramática.

Tenho pensado ultimamente muito sobre esse assunto e cada dia compreendo melhor a importância de um treinamento numa determinada metodologia. É praticamente impossível mostrar aos seus alunos uma pesquisa bem feita e em seguida esperar que eles sejam capazes de reproduzir essa pesquisa. Para tal você precisa de um certo background, uma idéia do 'design' de uma gramática. É preciso ter conhecimento de certos fatos universais e tipológicos e é isso tudo que ajuda você a desenvolver hipóteses promissoras. Por exemplo, o seu próprio trabalho sobre a ordem SV/VS em português revela fatos muito interessantes sobre o S na ordem VS. Esse S apresenta características muito diferentes das de sujeito, das apresentadas na ordem SV, mas isso é uma coisa que talvez não teria vindo à tona se você não tivesse conhecimento do papel fundamental

que o sujeito desempenha num processo de topicalização. E esse conhecimento especificamente é decorrente de leituras feitas nessa área.

Há também o conhecimento resultante de um treinamento metodológico que tem a ver com coisas do tipo: como propor e desenvolver hipóteses, como codificar e recodificar seu material lingüístico de modo a perceber mais facilmente certas generalizações, como usar o computador para fazer testes estatísticos e catalogação de dados. Muita gente sem treinamento adequado nessa área acha perfeitamente natural usar dados coletados por outra pessoa, correndo o risco de usar material coletado em entrevistas, por exemplo, para testar ou desenvolver hipóteses ligadas à conversação livre.

17- Você recomendaria então que o pesquisador coletasse e transcrevesse seu próprio material?

Definitivamente. Especialmente no princípio quando ainda não se tem muita idéia do que se vai encontrar, dos problemas que vão surgir e que vão exigir, a cada passo, uma decisão imediata.

18- Por onde devemos começar nosso estudo lingüístico?

O treinamento de uma pessoa continua pela vida afora. Todo programa de pós-graduação vai ser deficiente de uma maneira ou de outra. Mas se esse programa der ao aluno condições para que ele possa fazer suas próprias escolhas no futuro, então esse é um programa bem sucedido. E eu sinto que aí meu treinamento em lingüística foi muito bem sucedido. Mas faltou também muita coisa nesse meu treinamento. Não fui muito exposta à sociolingüística por exemplo, aos aspectos sociais da linguagem, nem à antropologia. Gostaria de ter estudado mais psicologia... Enfim, isso acontece com muitas pessoas, mas cabe à gente preencher essas lacunas e continuar

crescendo academicamente.

Aqueles que querem estudar lingüística devem procurar um programa o mais eclético possível, com muitas escolhas interdisciplinares, porque tudo aquilo a que se é exposto, ajuda a pessoa a chegar eventualmente a uma decisão a respeito do que ela quer fazer dentro de sua área. E mesmo que o programa escolhido não inclua certas matérias, você mesmo pode e deve preencher essas falhas.

Acho, por exemplo, que seria maravilhoso se todo currículo de lingüística incluísse um curso em poesia, talvez até mesmo um curso em música. Acho também fundamental que se comece a aprender, o mais cedo possível, várias línguas estrangeiras. Acredito que quanto mais línguas uma pessoa estude, maior a chance de se tornar um bom lingüista. Basicamente isso: um programa interdisciplinar combinado com a possibilidade de se estudar outras línguas para que o aluno aprenda a se sentir lingüisticamente confortável dentro de um sistema diferente do seu. E o estudo de uma nova língua é uma experiência que nos ensina humildade, porque mostra claramente o quanto ainda temos de aprender.

(Recebido em 17.09.1990)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, L.J. (1985) Morphology: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam: Benjamins.

_____ (1986) "Morphology as lexical organization". Artigo apresentado na conferência de Milwaukee (mimeo).

CHAFE, W. (1976) "Givenness, contrastiveness, definiteness, subject and point of view " Em: C. Li (ed) Subject and Topic. New York: Academic Press.

_____ (1986) "Cognitive constraints on information flow" Em: R. Tomlin (ed) Coherence and Grounding in Discourse. Amsterdam: Benjamins.

- DUTRA, R. (1987) "The hybrid S category in Brazilian Portuguese: some implications for word order". *Studies in Language*, vol.11 no.1:163-180. Amsterdam:Benjamins.
- Du BOIS, J.W. (1980) "Beyond definiteness: the trace of identity in discourse". Em: W.Chafe (ed) *The Pear Stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production* Norwood, N.J.Ablex.
- _____ (1985) "Competing motivations" em J.Haiman (ed) *Iconicity in Syntax*, Amsterdam:Benjamins.
- _____ (1981) *Ergativity and preferred argument structure in Sacapulotec discourse*. Tese de Mestrado. Universidade da Califórnia, Santa Bárbara.
- FORD, C. & S.ThOMPSON (a sair) "Conditionals in discourse: a text-based study from English". Em: E.Traugott, J.Reilly A. ter Meulen & C.Ferguson (eds). *On Conditionals*. Cambridge University Press.
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar* (1979) New York: Academic Press.
- GOODWIN, C. (1981) *Conversational Organization*. New York: Academic Press.
- HOPPER, P. (1979) "Aspect and foregrounding in discourse". Em: T.Givón (ed) *Syntax and Semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press,
- HOPPER, P. & S.ThOMPSON (1980) "Transitivity in Grammar and Discourse". Em: *Language* 56.:703-751.
- KATZ, J.J. & J.FODOR (1963). "The structure of a semantic theory". Em: *Language* 39:2 1963.
- KIRSNER, R. S. (1986) *On the subjectless 'pseudo-passive' in Standard Deutch and the semantics of background agents* em C. Li (ed) *Subject and Topic*. New York: Academic Press.
- _____ (1979) "Deixis in discourse: an exploratory quantitative study of the Modern Dutch demonstrative adjectives". Em: T. Givón (ed) *Syntax and Semantics 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press.

- MANN, W.B. & S. THOMPSON (1983) Relational Propositions in Discourse USC/Information Sciences Institute. RR 83-115.
- _____ (1985) Assertions from discourse structure USC/Information Sciences Institute. RR 85-155.
- PRINCE, E. (1979) "Toward a taxonomy of given/new information". Em: P. Cole (ed) Radical Pragmatics. New York: Academic Press.
- SCHEGLOFF, E.A. (1981) "Discourse as an interactional achievement: some uses of 'uh huh' and other things that come between sentences". Em: D. Tannen (ed) Analysing Discourse Text and Talk. Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics.
- TOMLIN, R. (1985) "Interaction of subject, theme and agent" Em: J.W. Wirth (ed) Beyond the Sentence: discourse and sentential form. Ann Arbor: Karoma Publisher. Inc.